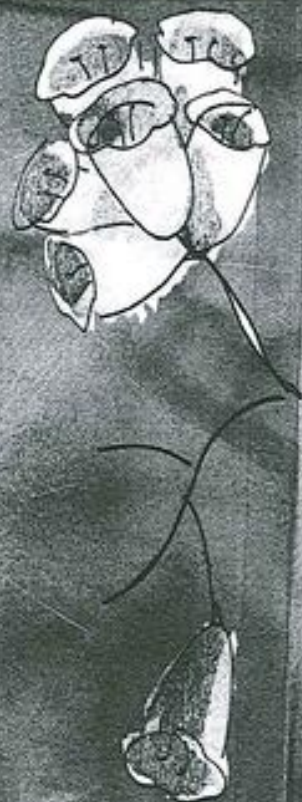


Utopia é cantar
uma trajetória possível:
Pindorama



Graça Graúna

Flor da Mata



Ilustração:
Carmen Barbi



Graça Graúna

Flor da Mata

Ilustração:
Carmen Barbi


PENNINHA
EDIÇÕES

Copyright © 2014 by Graça Graúna

Todos os direitos reservados

Capa:

Letícia Santana Gomes sobre ilustração de Carmen Barbi

Ilustrações:

Carmen Barbi

Projeto Gráfico e Diagramação:

Letícia Santana Gomes

G774f Graúna, Graça.
Flor da Mata / Graça Graúna ; ilustradora : Carmen Barbi.- Belo Horizonte : Penninha Edições, 2014.
48 p. : il.
ISBN: 978-85-67265-08-7
1. Poesia brasileira. 2. Poesia Indígena. I. Barbi, Carmen. II. Título.

CDD: B869.1

CDU: 821.134.3(81)-1

A Mandevu, Deus, Tupã e à Mãe Natureza,

dedico este livro.

Apresentação

"Ô cabodo lindo
Que anda fazendo aqui?
Eu ando por terra alheia
Procurando por minha ciência."

(Canto Kariri-Xocó)

À luz do canto Kariri, nem é preciso dizer que o cantar acompanhado de um pisar forte ao som das maracas, faz do toré uma ciência. Essa manifestação sagrada está no ser e no viver dos indígenas da Região Nordeste. Sua poesia vem dos ancestrais e se alastra como um bem precioso na mente e no coração dos Filhos da Terra; uma ciência que dá resistência, mesmo quando o ser indígena se vê meio deslocado em terra alheia.

Entre os Xukuru de Ororubá (Pesqueira/PE), por exemplo, o toré ganhou novos significados a partir da liderança do Cacique "Xicão". Novos significados ou um toque mais moderno que algumas mulheres do povo Xukuru revelam ao enfeitar os seus trajes e adereços com flores artificiais, de maneira que isso não as impede de usar vestimentas feitas da palha de milho, da palha de coco e das penas de aves, pois este é um costume que vem dos antepassados.

Minha intuição diz que a flor - entre os adereços agora presentes no toré - sugere ao mesmo tempo a leveza e a força que vem da

Mãe-Terra; leveza e força que o "haijin" (fazedor de haikai) também necessita para o haikai acontecer. Pensando assim, espero que este livro seja também veículo de comunicação entre os amantes da poesia, pois, enquanto houver poesia, existirá comunicação entre os "encantados" e os participantes do Toré.

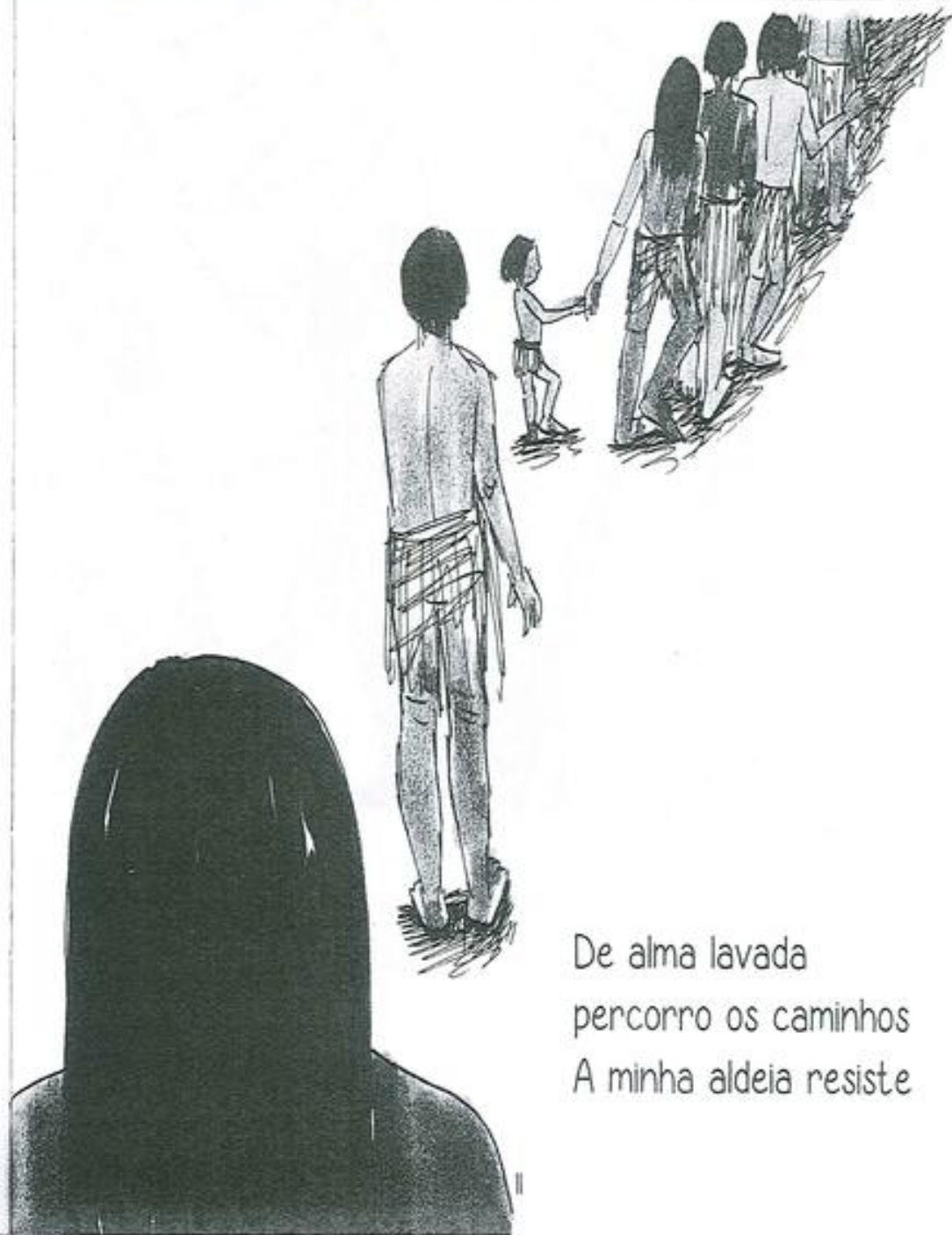
O segundo motivo que me levou a escrever esta pequena apresentação remete à boa lembrança que eu guardo do ensaísta Antonio Fernando Viana, do qual fui aluna na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde ele ministrou Literatura Comparada nos Cursos de Pós-Graduação em Letras. Recordo-me das muitas vezes em que ele me convidou a participar dos encontros e/ou caravanas literárias que ele organizou junto ao Núcleo de Programas Educacionais e Culturais (NUPEC/UFPE). Sendo assim, ao abrigo das boas palavras de Antonio Viana, tomo a liberdade de transcrever, aqui, um fragmento da resenha que ele fez acerca do meu livro "Canto Mestizo" (1999); essa resenha consta dos Anais do "I Encontro de Cultura Nordestina: do aboiar do vaqueiro à cadência do frevo", realizado em 2000, na FABEJA, em Belo Jardim (PE).

Faz alguns anos que Antonio Viana nos deixou, mas a saudade fica de tal forma que as suas palavras dão mostra do ser sensível que compartilhou a riqueza de sua alma para aproximar os possíveis leitores dos meus quase haicais. Que assim seja e com a palavra, Antonio:

[...] Tentarei expressar nestas palavras minha surpresa e meu encanto ao descobrir a poesia de Graça Graúna [...] vemos a

autora mostrando-se como um haijin (poeta de haikai), unindo simplicidade, sensibilidade e sabedoria, em poemets concisos, em três versos, como o faziam os antigos haicaiístas. Fiel à estética e aos princípios desta forma poética, a autora cristaliza a instantaneidade do momento, a transitoriedade do sentimento, assim como a fugacidade do tempo através de imagens do dia, palavras, cores e sons do cotidiano, da maneira mais simples possível, como deve realmente ser um belo e autêntico haikai. Aqui captamos toda a emoção, a sensação e o sentimento da poetisa apresentados como uma espécie de convite a um diálogo e encontro maior com a sua poesia [...] (VIANA, 2000, p. 85-86).

Nordeste do Brasil
Graça Graúna



De alma lavada
percorro os caminhos
A minha aldeia resiste



Mais uma viagem:
nesse vai e vem a utopia
me faz andarilha

12

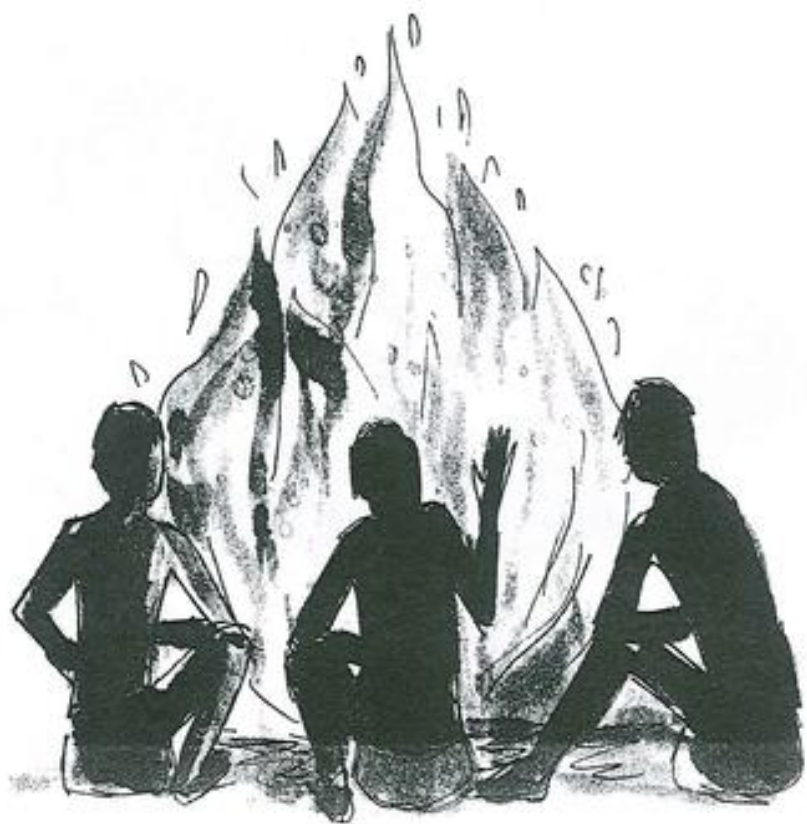
Dias de sol
distendo as velhas asas
num haicai latino

De algum lado
para sempre
os meus dias
por sempre
alguns dias
alguns dias
alguns dias



13

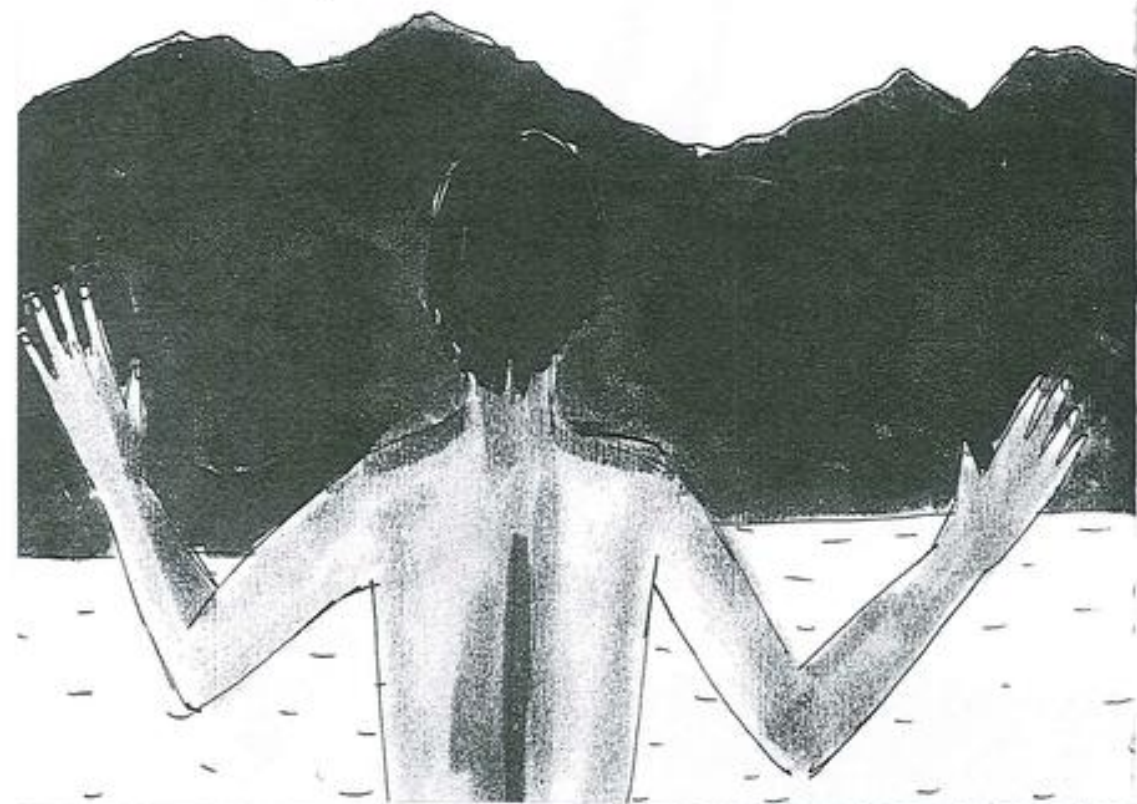
Em volta da fogueira:
memória, história
O mundo se recria



Entre o sono e a vigília
o canto da cigarra
inunda o sertão



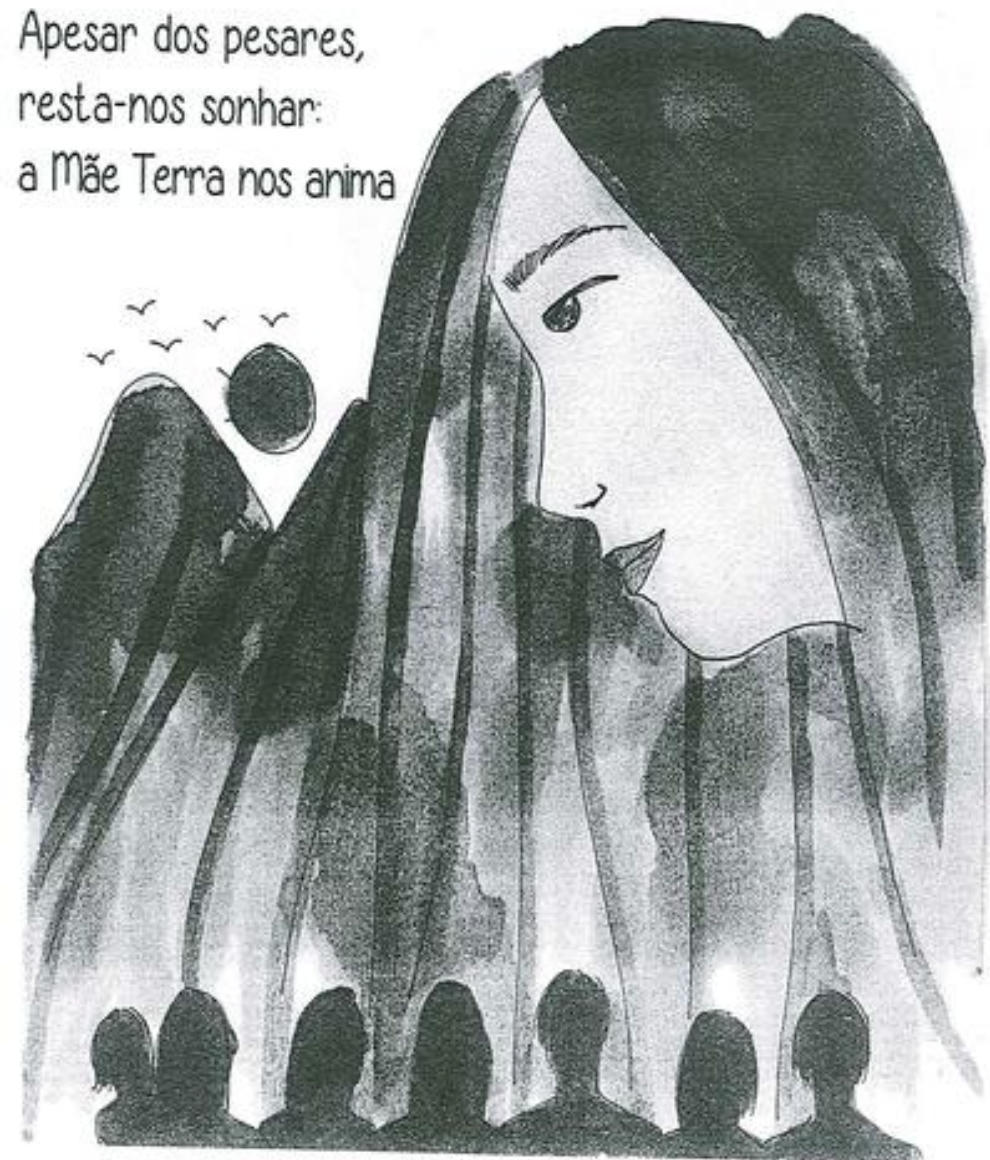
Água, terra, fogo e ar:
labirintos do ser
em todos os tempos



Tempo de estio:
sobre a carcaça do boi
um cão faminto



Apesar dos pesares,
resta-nos sonhar:
a Mãe Terra nos anima



Do mar a palavra
a pulsão mais forte:
solidão atávica





Frêmito de asas,
e a poesia se alastrando:
na minha aldeia é assim

Tarde novembreira:
o ipê-rosa anuncia
a chegada de Nina



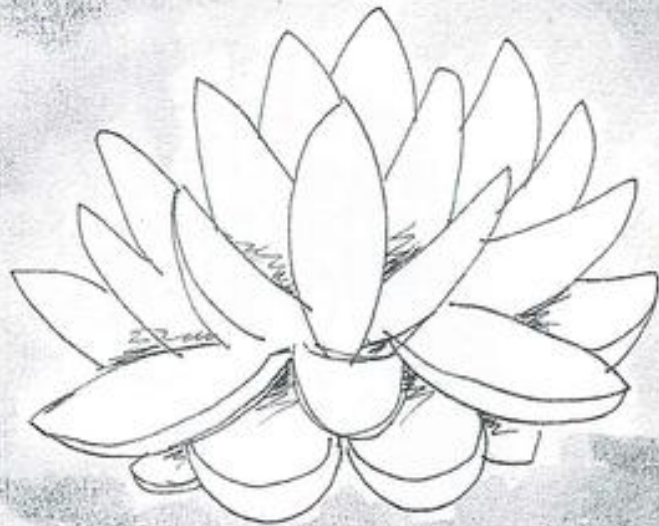


No cerrado à tardinha
cantigas de roda
de mãe pra filha

Tempo de primavera:
na casa da serra
o riso de Nina



Branca flor d'água
espelha a face da lua:
vitória-régia

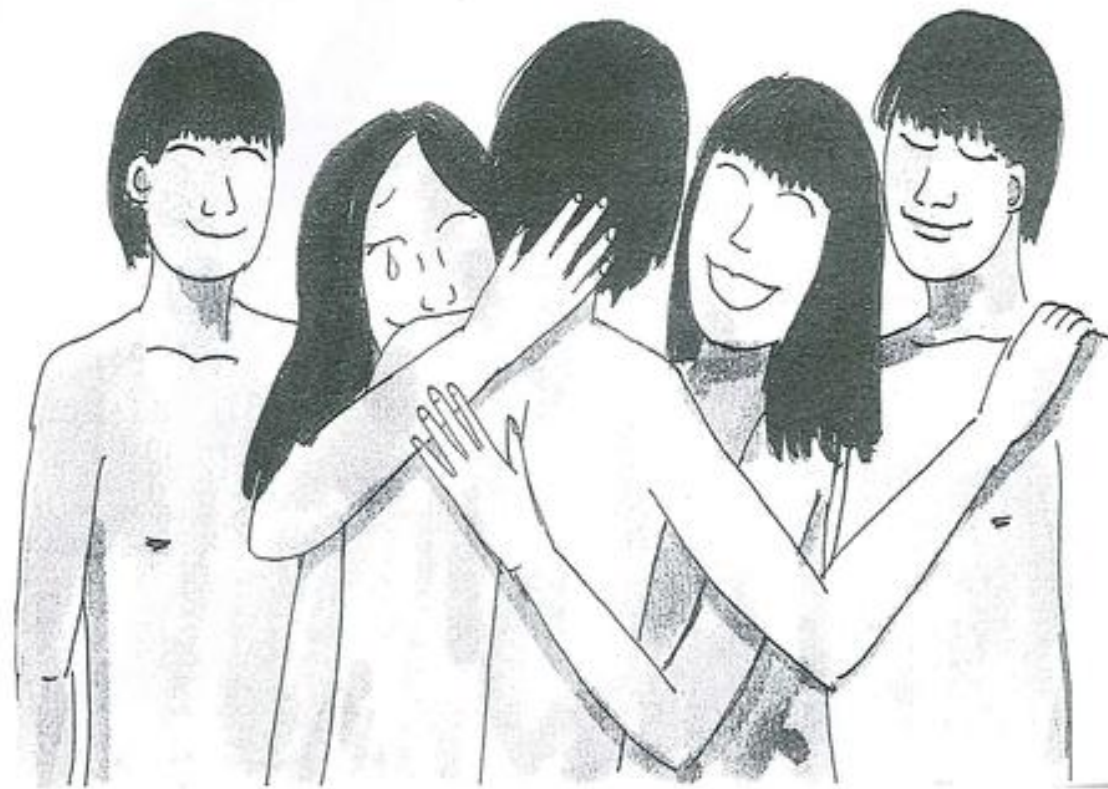


Em meio à chuva de estrelas,
a lua de fogo
desalojou a neblina



Uns cavaleiros sonham
mas só sonham só
com a mais-valia

O tempo de chegada
transborda o olhar
no tempo de partida



Os sonhos não se foram
Eles retornam
tais e quais ovelhas negras



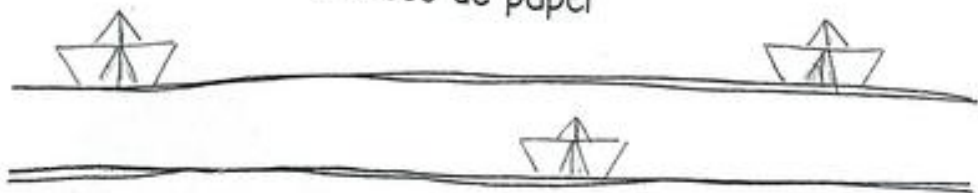
28

Utopia é cantar
uma trajetória possível:
Pindorama



29

Dia ensolarado:
no alto-mar de concreto,
barcos de papel

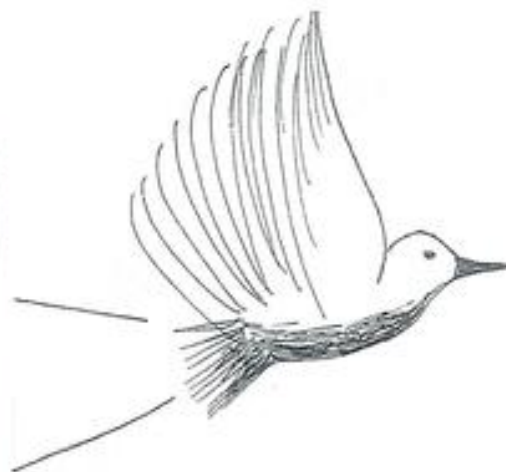


Bem-te-vi não vê
o arranha-céu espelhado:
estilhaços voam



30

28

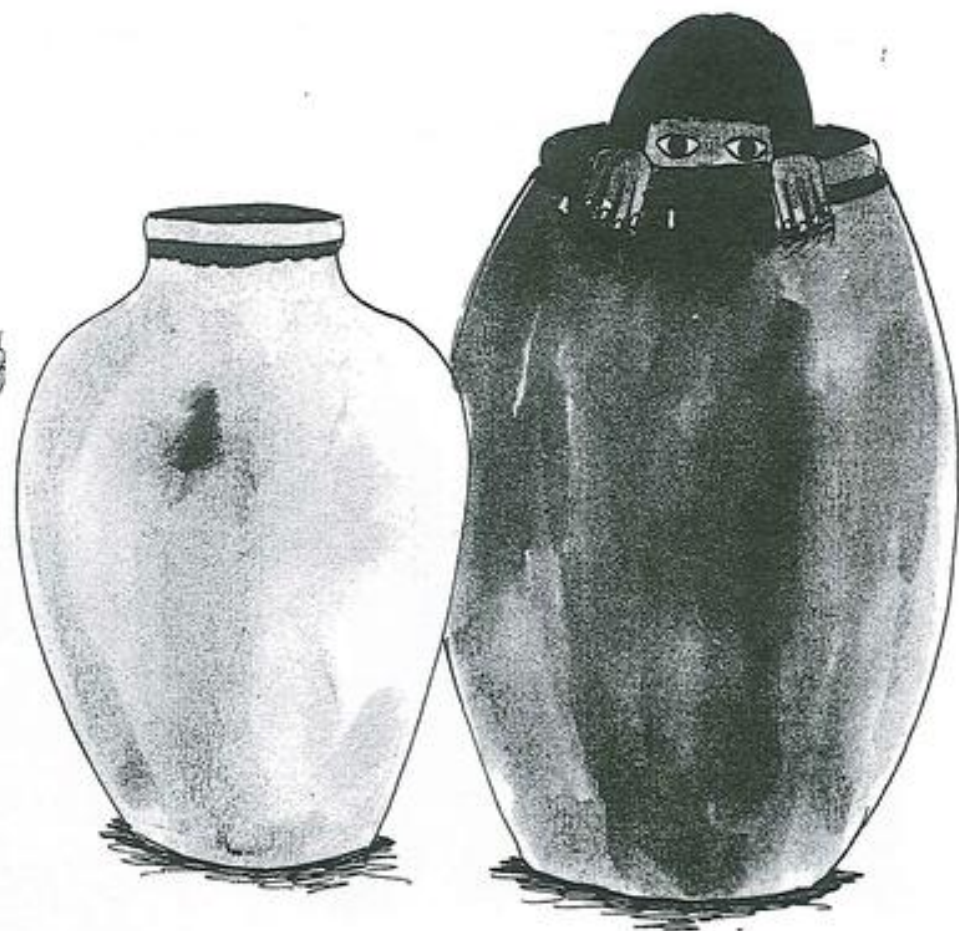
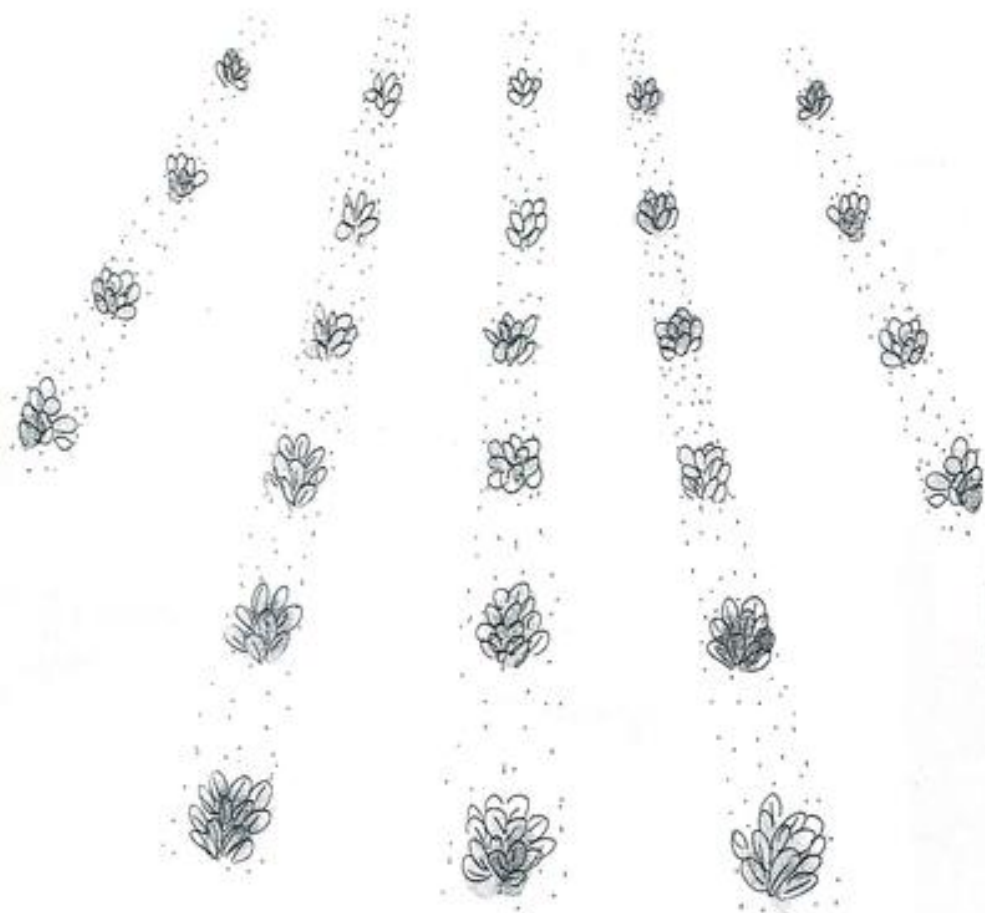


31

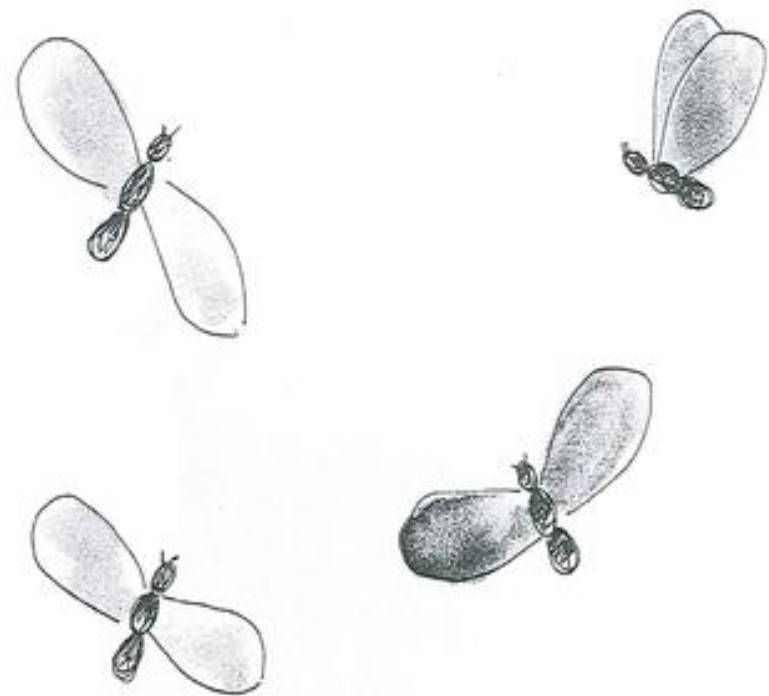


Dia de São José:
debulhar a esperança
pra chover no roçado

Velho pote de barro:
um coaxar noturno,
cheiro de terra molhada

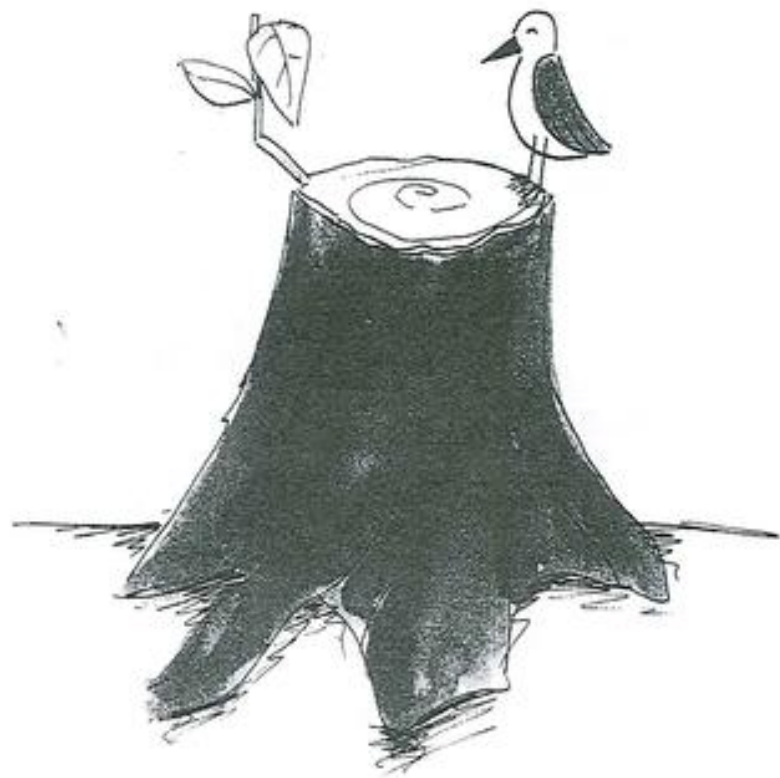


Folhas de outono:
maiores abandonados
nas ruas, nas praças



Formiga com asa
é sinal que vem chuva
Fartura na aldeia

Esperança não morre:
tem verde brotando
no arubatã decepado



36

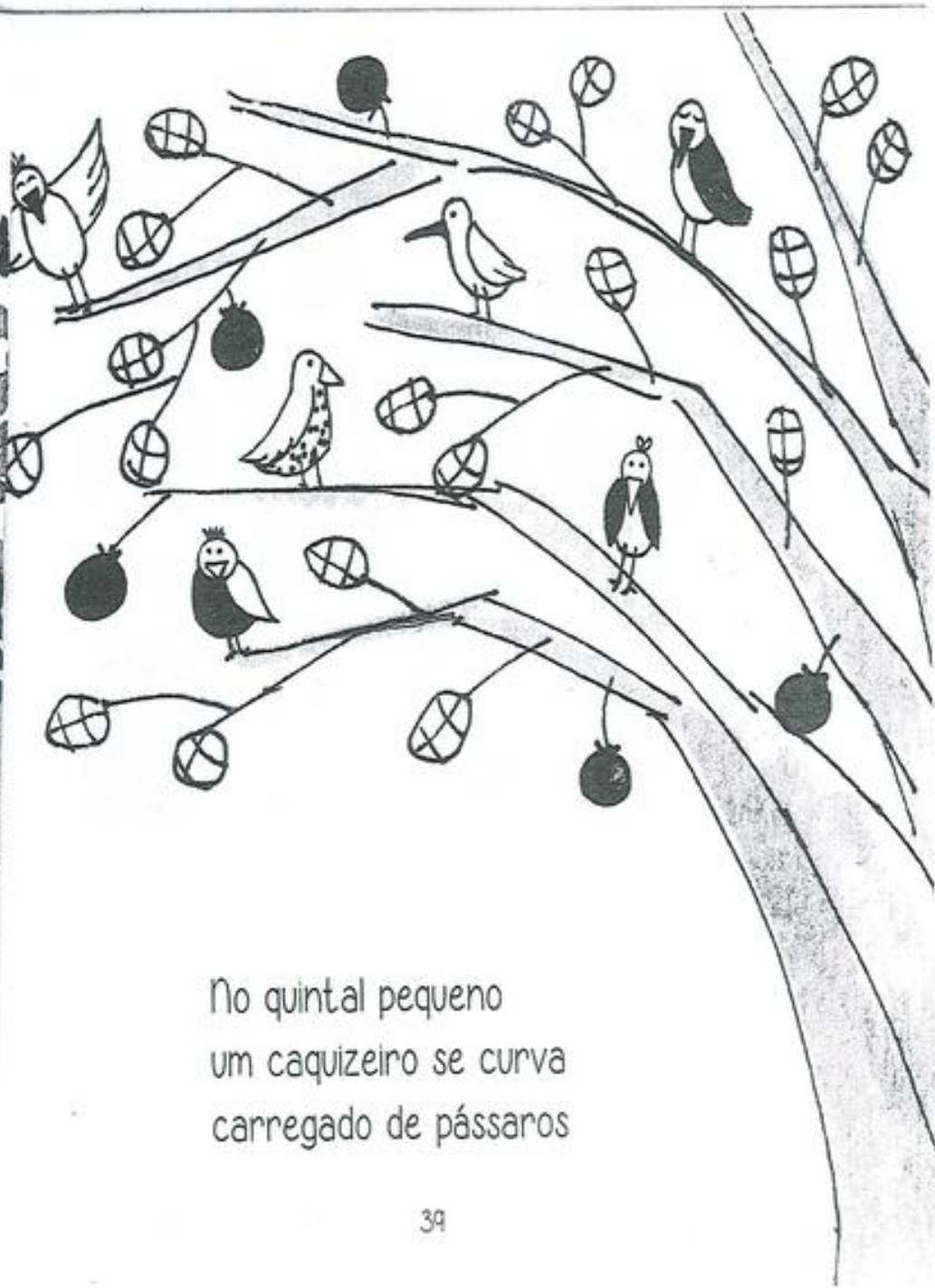
23

Ipê-amarelo,
sonho de primavera:
o sol espelha

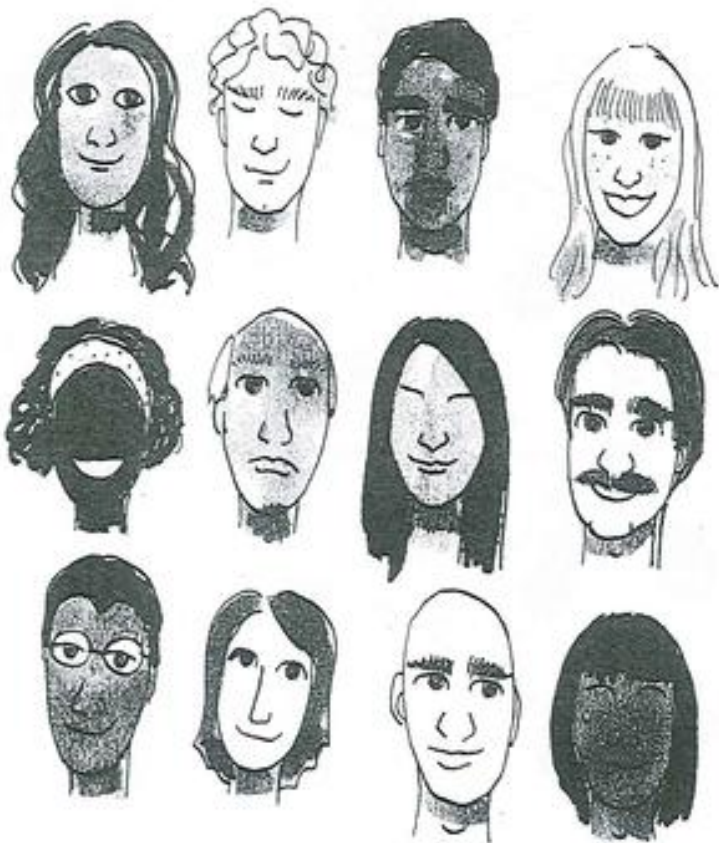




No muro lilás,
a buganvília roxa:
casa materna



No quintal pequeno
um caquizeiro se curva
carregado de pássaros



Pícaros, ícaros:
crias de um homem submerso
Brasil, Brazil, brasis

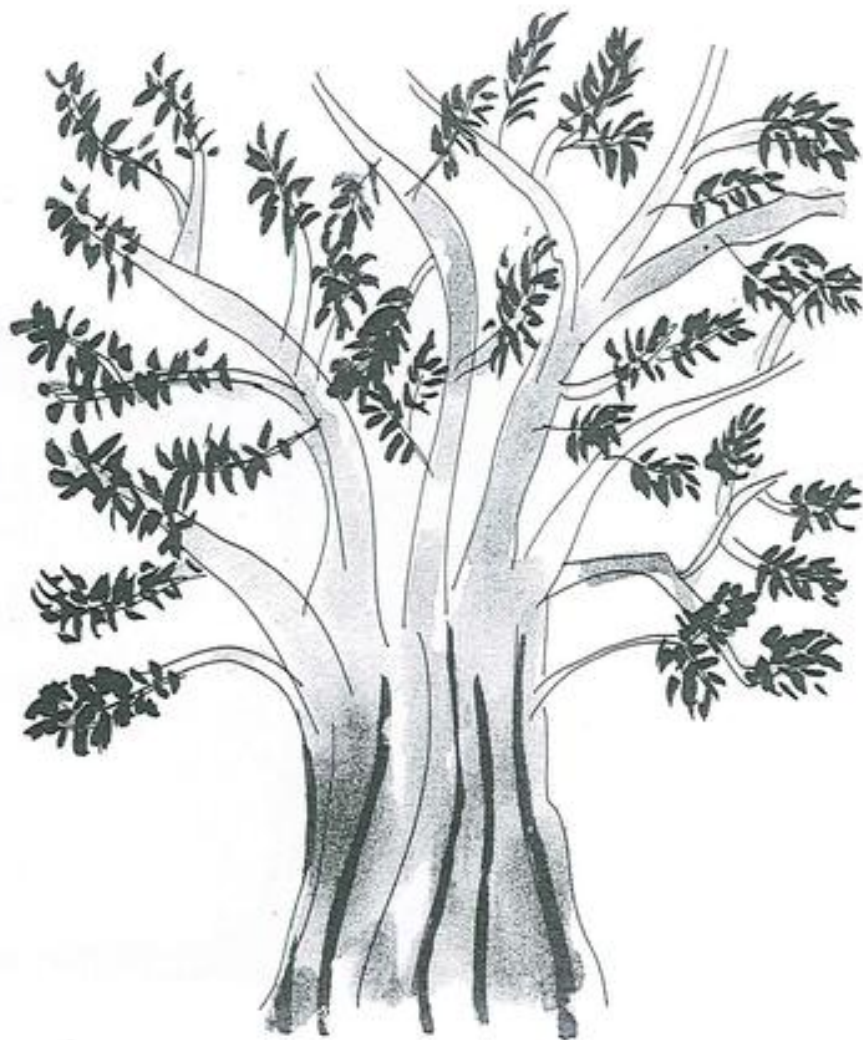


Noctívago dor-em-dor
pouso na árvore do mundo
clandestina

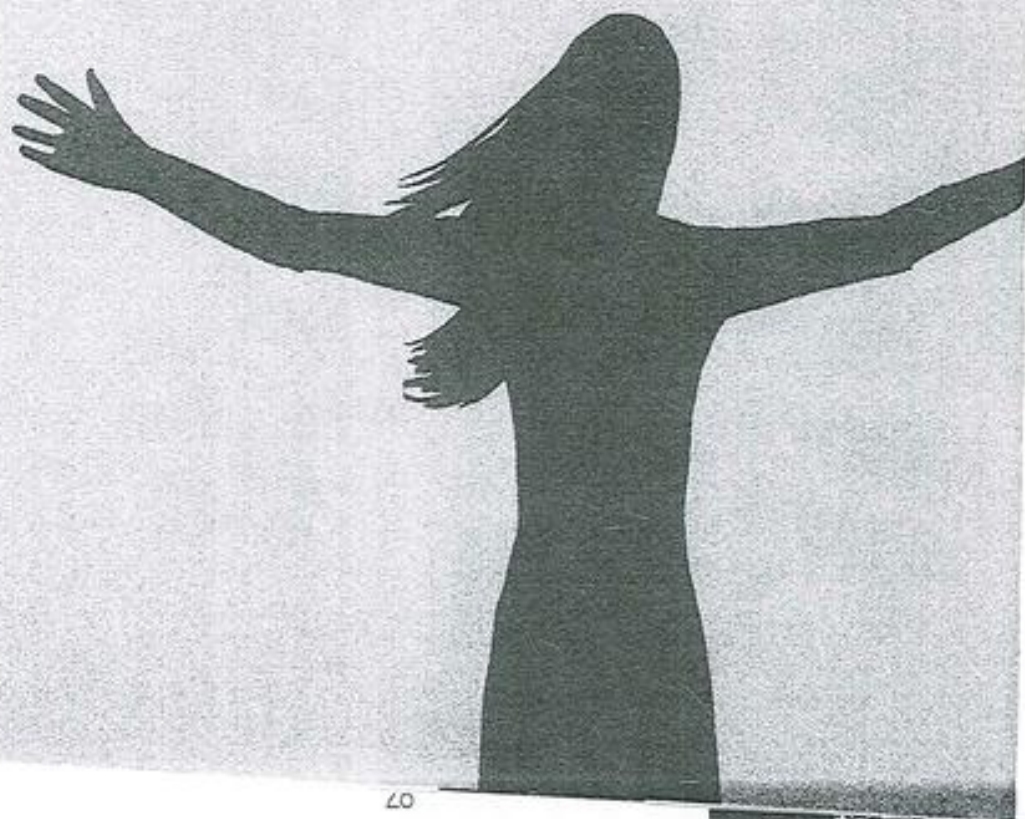
Porque és pedra
o que dirá a poesia
sem a tua presença?



Dançar o toré
perto da gameleira
entre os encantados



Brços para o infinito
o espantelho subverte
a ferocidade do mundo



Todos emigram
Na imensidão do tempo
um ser avuante

autora

ca Graúna é filha do povo Potiguara (RN) e autora indígena. Doutora em Teoria Literária (FE) e Pós-Doutora em Educação, Literatura e Direitos Indígenas (UMESP), é educadora universitária na área de Literatura e Direitos Humanos.

A ilustradora

Carmen Barbi é designer de produtos e ilustradora. Trabalha com criação desde pequena, quando se aventurava no ateliê de sua mãe. Hoje em dia, o que mais gosta de fazer é desenhar e, através de suas imagens, levar alegria e sensibilidade aos mais variados públicos.

Os haicais das páginas 15, 16, 19, 26, 29, 41, 44 constam no livro *Canto Mestizo*.

Página 21: flna é o nome da mirna nesta mais nova.

Página 29: Pindorama, em tupi, significa 'terra das palmeiras'.

Página 36: Arubatã significa pau-brasil.

